

Conf. Ser. 2  
Subser. 2-6

# V Congreso Interamericano de Municipalidades

(Dezembro 2 - 7, 1954)

## TEMA II

Relações Humanas entre o Governo Municipal e os cidadãos



Porto de São João Batista  
Capital do Estado Livre Associado de Porto Rico

Por:  
Dr. Arturo Morales Carrión  
Sub-Secretario de Estado  
Estado Livre Associado de Porto Rico

AS RELACOES HUMANAS ENTRE  
O MUNICIPIO E OS CIDADAOIS

(Exposição submetida pelo Dr. Arturo Morales Carrión, Subsecretario de Estado do Estado Livre Associado de Porto Rico)

Aspiramos a submeter, nesta exposição, algumas reflexões, sobre as relações do município, como celula viva de governo próprio, com a cidadania a que serve. Intentamos afastar-nos de considerações de ordem puramente abstrata. Neste Congresso, foi dada participação aos representantes da vida municipal na América, em toda a sua rica variedade de graus, formas e experiências. Queremos, portanto, acercar-nos do tema, levando em conta o marco americano, a realidade atual e futura.

Esta preocupação, ademais, responde a uma missão que quer cumprir o homem portorriquenho. Vinculado por língua e tradição ao tronco iberoamericano, com uma personalidade cultural própria, mantém, em virtude de sua associação política estreitíssima e úteis contatos com o Norte. Pode, pois, calibrar as experiências do hemisfério, e ao mesmo tempo, com certo distanciamento, passar por cima da pequena base própria, não olvidar o que observe na magna morada da América, acaso sua função de serviço lhe brinde com tais vastos horizontes o espírito que os com que, na ordem material, lhe oferece sua geografia.

Dr. Arturo Morales Carrión  
Subsecretario de Estado do  
Estado Livre Associado de Porto Rico

Ao falar aqui, acerca das relações do município com os cidadãos no plano delicado e de \* \* \* da comunicação e do entendimento, perguntamo-nos primeiro: Em que marco social e histórico se observa essa relação? Quais são os rumos do futuro que possa afetá-la e modificá-la?

A VIDA MUNICIPAL : SEU CARATER HISTORICO

A vida municipal é, por essência, vida histórica e social. Está situada dentro de grandes e grandes sucessos. Na América, tem sido nervo de grandes e grandes sucessos.

Traducao de:

Néa Lopes Monteiro  
Oficial Administrativo do Ministério da Fazenda  
Caio Tavares da Cunha Barreto  
Assistente Jurídico do Ministério da Fazenda

## AS RELAÇÕES HUMANAS ENTRE O MUNICÍPIO E OS CIDADÃOS

(Exposição submetida ao Quinto Congresso Interamericano de Municipalidades pelo Dr. Arturo Morales Carrión, Subsecretario de Estado do Estado Livre Associado de Porto Rico)

Aspiramos a submeter, nesta exposição, algumas reflexões, sobre as relações do município, como celula viva de governo próprio, com a cidadania a que serve. Intentamos afastar-nos de considerações de ordem puramente abstrata. Neste Congresso, foi dada participação aos representantes da vida municipal na América, em toda a sua rica variedade de graus, formas e experiências. Queremos, portanto, acercar-nos ao tema, levando em conta o marco americano, a realidade atual e futura.

Esta preocupação, ademais, responde a uma missão que quer cumprir o homem portorriquenho. Vinculado por língua e tradição ao tronco iberoamericano, com uma personalidade cultural própria, mantém, em virtude de sua associação política, estreitíssimos e úteis contatos com a grande tradição angloamericana do Norte. Pode, pois, calibrar as experiências, de uma e outra parte do hemisfério. E, se o faz com fraternal espírito de entendimento e, ao mesmo tempo, com certo rigor crítico, sem passar por alto a falha na pequena casa própria, nem olvidar o que observe na magna morada da América, acaso sua função de serviço lhe brinde com mais vastos horizontes o espírito que os com que, na ordem material, lhe oferece sua geografia.

Ao falar aqui, agora, das relações do município com os cidadãos no plano delicado e decisivo da comunicação e do entendimento, perguntamo-nos primeiro: Em que marco social e histórico se observa essa relação? Quais são os rumos do futuro que podem afetá-la e modificá-la?

### A VIDA MUNICIPAL :                    SEU CARÁTER HISTÓRICO

A vida municipal é, por essência, vida histórica e social. Está situada dentro de grandes correntes e grandes sucessos. Na América, tem sido nervo de seu crescimento, fator aglutinante de sua formação. Tem formado em boa medida, posto que dentro de disparidades/concepções/ de governo, sua política, sua economia e sua cultura. Tem sidomercado e escola, base de avanço até terras virgens e repositório, a um só tempo, de hábitos e sentimentos, de valores e formas provincianas de vida, de profunda e firme raiz.

Este município, que tem dado estilo, tradição e fisionomia à vida da América, encontra-se hoje em ativa e completa transição. Aqui, nesta sede do Congresso, palpamos sua densa problemática. No Município de San Juan criou, com o destilar do tempo, uma airosa e compacta cidade-fortaleza. Ainda nos defrontamos, ao chegar a ela, com o dualismo plástico de seus acinzentados muros, que evidenciam um ímpeto bélico, e de suas ruelas, varandas caladas e espaçosas casas de manifesta, repousante e pacífica civilidade.

A cidade deu origem, intramuros, a uma sociedade cultural com três polarizações determinantes: a Fortaleza, onde o poder de Espanha manteve sua orgulhosa pretensão - nem sempre realizada - a um mando absoluto; a Catedral, onde o poder eclesiástico aspirou - nem sempre com êxito - a que o dogma católico fosse supremo guia das consciências; e o Cabildo, onde o homem crioulo intentou - nem sempre com a tenacidade devida - encontrar um intervalo para sua ambição política.

### A URBANIZAÇÃO : FENÔMENO DO PRESENTE

Todo esse drama, que com múltiplas variantes se deu também em outros lugares da América, constitui hoje passado /bem/ longínquo, puro conquanto necessário tema de evocação a consciência histórica. O fato mais visível e imediato aqui e em outras partes é o advento da cidade extramuros, da nova cidade eterogênea, de crescimento febril, com o nervoso ritmo de seu comércio, com a multiplicidade de seus bairros satélites, onde a grande vivenda moderna ombreia com o arrabal e onde, enfim, a concentração demográfica converte a vida social em aventura, em inquietante tensão, em incessante exigência de serviço, em repto constante às formas superiores da convivência humana e de tôdas as suas possibilidades criadoras.

Aceitemos, pois, como uma premissa indispensável desta exposição, que a vida social de tôda a América é dominada, em boa medida, por uma tendência para a urbanização.

### OLHAR PARA O NORTE

No Norte, o ritmo foi de aceleração pasmosa. Com o triunfo de um industrialismo de vigor inusitado na história, surgiu ali uma constelação de grandes urbes. Uma notável variedade de grupos étnicos, procedentes dos mais diversos lugares do planeta, contribuíram para sua formação, para suas mais expressivas formas culturais, para a estruturação de sua democracia de massas.

Estas urbes crescentes nutriram-se, no passado, das grandes ondas imigratórias com sua babel de línguas e costumes. Nutrem-se, mais, no presente, de incessantes movimentos internos, de ordem demográfica, do êxodo, mui particularmente, da zona rural. Restringida a imigração do exterior, desde a segunda década do século, a urbe continuou recebendo grandes contingentes humanos, em virtude da extraordinária mobilidade da família norte-americana, cuja fixação a comunidade de nascimento é, regra geral, leve e transitória.

"Todo norte-americano" - escreve a notável antropóloga Margaret Mead - "tem seguido longos e variados caminhos. Se estes começaram na Europa, melhor esquece-los — porque essa conexão leva a um passado que é preferível deixar atrás. Mas se os caminhos se entrecruzam aqui, neste país em que todo o mundo está em movimento, então se trata de um milagre que agrupa e aproxima os homens."

"Somos todos" - adita - "uma terceira geração, nossos antepassados europeus já meio esquecidos, enquanto se imortalizam e realçam os passos recentes de nossas peregrinações pela América."

Esta "terceira geração" deu em herança a seus filhos a inquietude transumante. A família animou para a aventura os grupos jovens. Daí, para citar de novo a perspicaz antropóloga, é que o pai norte-americano "espera que seu filho o deixe, que o deixe fisicamente para trasladar-se à outra cidade, a outro estado; que o deixe no que respeita a ocupação, para seguir vocações estranhas e aprender diferentes dextrezas; que o deixe em um sentido social, para privar com gentes, igualmente, diferentes."\*

O incentivo econômico e a aventura social puseram o homem em marcha. E como o povo e a cidade com suas indústrias e suas múltiplas oportunidades para toda classe de ascensões e contactos rivalizam vantajosamente com o campo, eis porque a emigração da zona rural a cidade transformou profundamente a distribuição demográfica. Basta olhar o seguinte quadro para visualizar o processo ocorrido: \*\*

\* Margaret Mead, And keep your Powder Dry (New York, 1942), páginas 31, 39.

\*\* Reproduzimos o quadro de Causas e efeitos do êxodo rural, Organização dos Estados Americanos, Décima Conferência Interamericana, página 5.

População urbana dos Estados Unidos, 1790 a. 1950

ANO	NUMERO		
	TOTAL	URBANA	RURAL
1950 <u>b/</u>	150,697,361	96,467,686	54,229,675
1950 <u>c/</u>	150,697,361	88,927,464	61,769,897
1940	131,669,275	74,423,702	57,245,573
1930	122,775,046	68,954,823	53,820,223
1920	105,710,620	54,157,973	51,552,647
1910	91,972,266	41,998,932	49,973,334
1900	75,994,575	30,159,921	45,834,654
1890	62,947,714	22,106,265	40,841,449
1880	50,155,783	14,129,735	36,026,048
1870	38,558,371	9,902,361	28,656,010
1860	31,443,321	6,216,518	25,226,803
1850	23,191,876	3,543,716	19,648,160
1840	17,069,453	1,845,055	15,224,398
1830	12,866,020	1,127,247	11,738,773
1820	9,638,453	693,255	8,945,198
1810	7,239,881	525,459	6,714,422
1800	5,308,483	322,371	4,986,112
1790	3,929,214	201,655	3,727,559

b/ Nova definição urbana  
c/ Antiga definição urbana.

As grandes correntes migratórias veem na urbe uma nova terra da promessa. Os meios de comunicação em massa contribuem, sem dúvida, para que se forjem atraentes mitos que se arraigam, de forma tenaz, na mente popular. Cidades como Chicago, como Nova York, como Los Angeles, constituem ímas irresistíveis. A cidade de Los Angeles, uma das de ritmo mais acelerado de desenvolvimento no Norte,

incluía, em 1930, milhares de indivíduos de todos os estados com exceção de Flórida, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Delaware, Vermont, New Hampshire e Nevada.\*

Em tórno da urbe, desenvolve-se o fenómeno que interessa profundamente neste momento a sociologia e a política norte-americanas: o subúrbio. Cifras recentes indicam que 168 zonas metropolitanas nos Estados Unidos ocupam apenas 7% do território nacional e possuem, não obstante, 57% da população. Pois bem, o centro destas zonas metropolitanas só cresceu 14% desde 1940, enquanto que os anéis do subúrbio se desenvolveram em cerca de 34.7% desde a mesma data.\*\*

A evolução do subúrbio assinala o advento de uma nova classe média. Esta é a nova fronteira a cuja conquista se lançaram hoje grandes multidões no Norte. Não é uma fronteira horizontal, geográfica, de terra virgem aberta ao arranco, atividade e cobiça. Melhor, é a fronteira vertical do melhoramento económico, do respeito social, de uma prosperidade uniforme: a fronteira urbana, em suma.

Esta nova fronteira desenvolve no Norte importantes problemas em relação com o município e com os cidadãos. Uns são de carácter inter-racial, outros, de índole política e económica. A última geração urbana, eridadora em grande medida do anel de subúrbios, presenciou profundas mudanças na organização política dos Estados Unidos.

"Tracar o desenvolvimento de quase todas as nossas grandes cidades desde o começo do século" -- escrive um agudo observador da vida política no Norte, Samuel Lubell, -- "equivale a tracar esta marcha vertical e expansiva das massas para os mais verdes subúrbios, empurrando ante elas os antigos residentes. E a história do Partido Democrata nas grandes cidades é, em verdade, a história de revolução política e social que se efetua a medida em que se operava o êxodo dos arrabaldes."

"Não ocorren o êxodo por uma simples evacuação em massa, senão através de movimentos sucessivos, de uma comunidade a outra. Cada nova comunidade representava um degrau mais elevado na escala económica e social. E a proporção em que as massas ascendiam, iam transformando-se. Quando logravam alcançar o cimo de uma condição

\* Smith, Lynn T., Population Analysis (New York, 1948, citado em ibid.

\*\* Estas cifras acabam de ser reveladas na última reunião da American Public Health Association, celebrada em Buffalo, em 13 de outubro deste ano. Vejase "Experto sees ill in suburban life", New York Times, 14 de out. de 1954.

da classe média, ou não existia já a geração de imigrantes que havia iniciado o ascenso, ou se havia convertido em uma geração avoenga, relegada ao cuidado dos netos, enquanto chegava à sua madurez e influencia a geração nova" \*

Basta apontar, para encerrar estas breves observações sobre a vida municipal dos Estados Unidos, que a fronteira urbana é hoje cenário de renhida luta entre os grandes partidos nacionais, desejosos de lograr a adesão da nova classe média.

### O CRESCIMENTO NO SUL.

Lancemos agora um rápido olhar as terras ibéricas do sul. É comum salientar, quando de fenômenos económicos e sociais se trata, o agudo contraste estatístico entre os Estados Unidos e a América Latina. Os Estados Unidos oferecem um dos mais expressivos exemplos da Revolução Industrial em plena madurez. A América Latina apenas sofre os impactos iniciais da grande transformação que caracteriza a sociedades ocidental de nosso tempo.

Mas esse desequilíbrio real não deve obscurecer a senda do futuro, nem muito menos criar a impressão de que na ordem municipal, como em outras ordens, não há um possível marco de referência comum. Certamente, no que respeita a esta exposição, fenômenos de origens assemelháveis coincidem. Ou melhor, há uma diferença no ritmo do desenvolvimento, na gradação ou intensidade dos problemas ou nas modalidades em que estes se nos apresentam, em seus diversos níveis geográficos, sociais ou institucionais. Não há dúvida, em nosso critério, de que os fenômenos que apontamos com relação aos Estados Unidos antecipam situações e experiências que há de ocorrer na América Latina em diversas épocas de seu próximo desenvolvimento histórico, de decisiva significação para as relações do município com a cidadania. E em alguns países já se deram esses fatos, que oferecem proveitosa história.

O êxodo da zona rural à cidade é fenômeno coincidente em ambas as regiões. Segundo apontamos, nos Estados Unidos predomina a urbanização como elemento típico demográfico. A população rural da América Latina, sem embargo, ainda supera a população urbana. O estudo já citado da Organização dos Estados Americanos afirma a respeito: "Dos 107 milhões de habitantes que constituem a população da América do Sul, 64 milhões, ou seja, 60 %, vivem da agricultura. Na América Central e México, de um total de 50 milhões, 33 milhões, ou seja, 67%, pertencem à população rural" \*\*

\* Samuel Lubell, "The Future of American Politics" (New York 1952) 61.

\*\* Causas y efectos del éxodo rural,

Entretanto, se bem o quadro geral revela esta acentuada diferença, recordemos, por outro lado, a grande constelação de urbes já existentes na América Latina - Buenos Aires, Montevideu, Havana, México, Santiago -- em transe de ainda maiores crescimentos. E anotemos que cidades intensamente cosmopolitanas, como Rio de Janeiro, Sao Paulo e Caracas, duplicarem o número de seus habitantes entre 1930 e 1950. \*

A urbanização, como um dos fenômenos capitais da América Latina entende - se melhor se recordarmos que, no mundo, esta região é uma das áreas de maior fertilidade natural, e que os cálculos de sua projeção demográfica para o ano de 2000 ascendem a 500 milhões de habitantes, o dôbro da população dos Estados Unidos e Canadá para tal data. Com toda razão, ao deparar com esse relevante fato, o Dr. Milton Eisenhower apontava em seu famoso informe ao Presidente dos Estados Unidos o seguinte:

"O crescimento da população é um fato profundamente significativo que há de afetar o futuro a longo prazo da América Latina, mas que rara vez não-lo mencionaram os líderes que entrevistamos. Em 1950, a população da América Latina excedia a dos Estados Unidos pela primeira vez desde a época colonial. Em cada década, desde 1920, a população da América Latina cresce em um ritmo consideravelmente maior. A porcentagem atual de 2.5 por ano supera ao de qualquer outra região importante do mundo e é, pelo menos, duas vezes o do promédio mundial.

"De continuar êste ritmo, a atual população do Brasil ascendente a 53 000 000 - que é maior que a do Reino Unido ou a de qualquer outra nação latina da Europa - duplicar - se - á em 35 anos. Dentro de meio século, a população da América Latina, que é, agora, equivalente à dos Estados Unidos e Canadá, chegará a 500 000 000, ou seja, o dôbro do total que se antecipa para estes dois últimos países" \*\*

Este extraordinário crescimento demográfico que há de contemplar a segunda metade do século XX na América Latina irá acompanhado da industrialização. Industrializar os países latinoamericanos é empenho central dos estadistas e dos estudiosos mais inteirados dos problemas sociais e econômicos inter-americanos. Nos anos de após-guerra, como assinalaram os brilhantes informes da Comissão Econômica para a América Latina (a CEPAL), houve um movimento importante do produto bruto, do trabalho e do capital para o terreno da inversão industrial. Durante o período de 1945 a 1950, por exemplo, enquanto o trabalho obreiro industrial crescia de 14.9 em 1945 a 16.6 em 1950, os trabalhadores agrícolas diminuíam de 60% em 1945 a 57.9 em 1950. Conquanto, momentaneamente e devido a múltiplas razões que não se necessita de assinalar, tenha havido uma sensível

\* Ibid, 3

\*\* "Report to the President, United States Latin American Relations" Department of State Bulletin, - 23 de novembro de 1953, pág 12.

diminuição neste processo não cabe dúvida de que a atividade econômica latino-americana e com ela o movimento social se orientam no sentido de uma progressiva e inevitável industrialização.\*

O grande cenário deste drama social há de ser, em crescente medida, o município. Há fatores de grande peso que conspiram para um vertiginoso crescimento da vida urbana. O contraste entre a vida rural nos Estados Unidos e na América Latina é muito mais marcado que o da vida de cidade. O homem rural em Hispano América está, em várias regiões, em luta com a selva ou o deserto ou a serra inóspita. Ou está frente a um latifúndio, frente a um régimen de plantação, que lhe nega a parcela própria, o salário justo, a oportunidade de melhoramento econômico. As enormes distâncias e a falta de comunicações dificultam, por outro lado, que se estendam com a eficácia devida, os serviços públicos do Estado. A vida rural na América Latina é, em vários países, muito menos atrativa e muito mais dramática e dura para o homem que nas regiões do Norte, onde já a era da máquina atingiu o campo.

Dai que o sonho da cidade seja maior: porque a cidade é oportunidade de escola, de trabalho e de assistência social. Em seu desenvolvimento imediato, o município hispano-americano tem de preparar-se para acolher a todo o conjunto de cidadãos do mais intenso ruralismo em seus hábitos, tradições e comportamento social. A afluência desta massa agrária aos núcleos urbanos há de depender diretamente das vias de comunicação-fator de prelação máxima em todo desenvolvimento econômico racional de América Latina - e da tendência ênfática para a industrialização. Estes dois elementos provavelmente contribuem a dar uma mobilidade maior à família hispano-americana, que agora exhibe, em regra geral, um sentido de arraigação social muito mais tenaz que no Norte.

Se a América Latina não irá repetir episódios cruentos na história do industrialismo, episódios de aglomeração humana e desastrosas exploração econômica, terá de buscar em uma planificação racional, de profundo conteúdo social e democrático, a chave de seu dinâmico crescimento. Já vozes deram o grito de alerta e é de esperar-se que os critérios de uma visão sociológica profunda continuem ganhando paulatinamente os governos nacionais.

Contudo, seria grave erro o pretender que os governos nacionais, frente ao grande drama social que se alinha no âmbito municipal, proveessem todas as iniciativas, todas as orientações, todos os recursos.

\* Com efeito, vejam-se as observações contidas no último informe da CEPAL, Economic Survey of Latin America, 1953 (New York, 1954)

## A INICIATIVA LOCAL: ÂMBITO E FINALIDADES

A movimentação dos recursos locais pelas próprias comunidades é imperativo de excepcional urgência em toda a América.

O êxito de todo programa de fomento econômico e social depende final, da capacidade de criar-se um espírito comunal alerta e entusiasta, no qual a tarefa coletiva se veja como empreza de todos e não como mera imposição de uma força central e unitária, alheia ao fervor e à esperança dos cidadãos.

"O governo nacional" - afirmam um excelente estudo sobre uma das repúblicas centro americanas - "por si só não pode encarregar-se de todo o trabalho de melhorar a educação, a saúde e a higiene. As comunidades locais, de igual forma, devem assumir uma parte importante deste trabalho. As comissões locais que trabalham em cooperação com os órgãos governamentais podem alcançar grande progresso. Elas podem solicitar contribuições voluntárias de tempo, materiais on-line para complementar os fundos do governo e para ajudar a levantar os viveis educativos e de saúde de suas comunidades" \*

As novas tendências fazem um tanto acadêmico o velho debate entre a autonomia municipal e o centralismo. A programação de um desenvolvimento econômico e social em consonância com as mais íntimas exigências da vida urbana impõem ao governo central ou estatal iniludíveis deveres. É fora de dúvida, que na ampla zona dos serviços públicos - moradia, educação, saúde, eletricidade - não bastam os recursos municipais para dar adequada solução ao problema.

Por outro lado, porém, a transformação da vida municipal na "Gran sociedad", a sociedade complexa e variada do industrialismo, deixa clara, responsabilidades ao município, tornando-o fator primário na criação de um novo sentimento de coesão social.

Estamos, pois, frente a um dos problemas críticos da democracia em nosso tempo: como criar métodos de ação cooperativa em grandes comunidades que permitam o livre exercício do consentimento popular e sua efetiva participação no poder público.

Os antagonismos de classes, de grupos étnicos, de elementos culturais contra postos se acentuam na comunidade maior. O antigo sentimento da solidariedade comunal, tão presente na zona rural ou no povoado, tende a desaparecer na área metropolitana, com seus arrabaldes e subúrbios e com sua imprescindível separação entre o lugar de emprego e o de residência. Surge então, uma sensação de desapego, de perda de identificação com a vizinhança, de atomização da família e do homem.

The Economic Development of Nicaragua, pag. 26 citado em Aspectos Sociais do Desenvolvimento Econômico, Organização dos Estados Americanos, Caracas, 1954, pag 23.

E fica em perigo de extraviar-se um dos supremos valores da cultura humana: o sentimento de proximidade.

Um delicado e transcendental problema de ordem psicológico e cultural estabelece-se para o município, já que dentro de seu âmbito há de encontrar, em crescente medida, sua nova expressão a alma americana.

Para restaurar os sentimentos de coesão comunal, terá de manter e revigorar certos fios indispensáveis da tradição histórica, do institucionalismo, da personalidade social que, no fim de contas, dá às comunidades como aos habitantes seu sentimento de pertinência, sua segurança psicológica, sua razão de ser.

Uma sociedade em transição para a industrialização e urbanização propende a dissolver muitas das essências das instituições tradicionais, dos usos populares ou "folkways" das antigas sociedades pré-industrial. É evidente que as novas formas de vida requerem modificações importantes e necessárias no tecido social. Mas pretender, através da planificação ou da educação, arrancar pela raiz ou usos antigos é, quiçá, substituir formas vivas por valores artificiais. Não se pode amputar ao homem a sua história, sem grave desdouro para sua personalidade.

Com grande razão afirmam Karl Mannheim, um dos principais pensadores da sociologia e teoria política de nosso século, o seguinte:

"Depois das experiências do último decênio, os intelectuais de nossos dias devem dar-se conta cada vez com mais clareza de que a guerra empreendida pela cultura enorme da razão contra os convencionalismos e as instituições tradicionais, há de perder-se em parte. Deve seguir adiante quando os métodos tradicionais sejam torpes e possam ser substituídos com vantagem por uma forma mais racional de controle, supondo que o problema seja simples e claro. Por outra parte, esta guerra contra a tradição conduz a um empobrecimento desesperado, quando as novas forças sociais não-estão em situação de substituir os antigos usos (folkways) por outros novos. So aparecerem, as novas formas de conduta só podem ser estabelecidas lentamente e requerem uma imaginação especial que é quase o posta ao pensamento calculado". E, mais adiante, acrescenta:

"O encanto das formas primitivas pode conservar-se muitas vezes dando um significado novo às instituições antigas as incorporá-las a nova forma de vida" \*

\* Karl Mannheim, Libertad y Planificación (trad. española, Mexico 1942) 265-266

ESFERAS DE ATIVIDADES : RECOMENDAÇÕES

Focalizadas estas idéias em tórno a missão capital que advertimos nas relações do município com os cidadãos, assinalemos agora as esferas distintas em que pode desenvolver-se a ação municipal. Muito variada e rica é a experiência que têm tido já diversos municípios de ambas Américas neste aspecto. Alguno dos nossos, aqui em Porto Rico, oferecem também suas modestas contribuições. A emuneração que segue intenta sistematizar o núcleo de atividades na ordem das relações humanas. Evidentemente haverá outras que mereçam incluir-se, à luz dos resultados da ação municipal, em outros lugares. Tanto melhor se dos exposições submetidas e das considerações em tórno de las, logramos precisar nosso pensamento em amplo esquema de referência comum.

O labor do Município no terreno dos relações humanas consiste, pois, em estimular mais amplas, justas e generosas formas de convivência democrática por sucio de meie efetivas técnicas sociais, que destruam on pelo menos reduzam ou sentimentos de insegurança, de isolamento, de ansiedade e frustração das crescentes multidoes que ingressam ou hão de ingressar na orbita municipal.

1 - O município deve, portanto, fomentar o sentido da integração social: Resulta aconselhavel a criação de órgãos de relações humanas on públicas, que utilizem ou meios poderosos de informação, para difundir os sentimentos de uma nova coesão coletiva. Estés órgãos devem propagar a fimção do município como de serviço a toda a comunidade. Aproveitando os empenhos cívicos de associações ou entidades particulares, o órgão de relações, o órgão da relações humanas tratará de aproximar aos distintos componentes da classê citadina. Nas cidades onde abundem diversos grupos étnicos, deve ser tarefa essencial do órgão a de criar comissões de relações interracias que, por meio de cuidadosos programas, induzam a um novo espírito de compreensao e facilitam a aclimatação ao mundo urbano dos núcleos imigratórios. Há, agora, um instrumento de tremendas e iunespeitáveis possibilidades: a televisão. A visualização dramática de pessoas de pigmentação distinta, de procedência social diversa, de costumes e hábitos e religiões contrapostas, em programas nos quais se focalizem em alto plano cívico os assuntos comunais, que a todos interessam, constituem inapreciáveis instrumentos para desenvolver o que acaso deveríamos chamar o novo espírito da cidade.

2 - O município deve estimular a atividade recreativa. Na nova sociedade industrial que amadurece on des ponta em tantos lugares. da América, o homem vive na ansiedade de um trabalho regulamentado, mecanizado, de bem medidos ritmos. A tarefa nova impoe uma disciplina artificial de hábitos. O homem se move no mundo do tempo e do transporte, com um olho posto no relógio e um pé no estribo.

Para que o espírito humano não termine sendo escravo de sua produtividade física, é imprescindível quebrar o ritmo ansioso com a atividade recreativa; quer dizer, com uma recreação, do tipo daquela que chamou o profundo pensador uruguaio, José Enrique Rodó, o "ocio noble".

Do ponto de vista que tratamos, o "ocio noble" consistiria em por o homem em contacto com a natureza, com as formas de arte que recolhem a expressão coletiva e com certos tipos de solidão agradável e serena. Nas cidades marítimas, o município tem a oportunidade de utilizar em parques e molhes, através de uma acertada planificação, os esplendidos reconfortos da praia e mar.

O homem pescador, o homem nadador, ou simplesmente o homem meditativo, frente a imensidade oceânica; eis aí três modos pelos quais o espírito se encontra a si mesmo no gozo da natureza.

O culto aos parques tem, a nosso entender, extraordinária significação nas relações entre o município e os cidadãos.

O parque, na cidade avultada, é o pulmão verde de sua respiração natural. Saca o homem de seu inevitável cárcere de cimento ou tijolo e o coloca de novo em seu moldura mais própria e acolhedora.

Mas o parque bem planificado, com seus "paraninfos" acústicos, suas fontes, seus bancos, seus jardins policrômicos, seus tanques e regatos e seus monumentos ilustres, é algo mais que escapa a natureza. É o espírito da cidade que se encontra a si mesmo nas mais puras, mais eficazes e humanas formas de convivência. Quando a cidade não é confusa e heterogênea aglomeração sem o senso de coletividade, seu espírito já maduro clama por seus parques onde o espaço aberto é símbolo da liberdade.

O parque, no fisionomia urbanística, serve para agrupar a nova sociedade de massas, com grandes objetivos de comunicação: o ato cerimonial e público, onde a tradição mantém sua expressão; o ato cultural - concertos, danças, orfeões -- onde a expressão coletiva a fina sua sensibilidade; o desporto, onde as tensões e os instintos de belicosidade podem achar uma válvula de escape dentro de atividades transcendentais ou onde se exercita o corpo da juventude para dar graça e elasticidade ao novo tipo humano. O uso máximo do parque, seu cuidado e conservação, devem ser objetivo essencialíssimo de um integral programa de relações com os cidadãos.

3- O município deve cultivar, nos aspectos mais aproveitáveis, o sentido do tradicional. Reconhecemos que neste aspecto há labores de exemplaridade manifesta, em muitos núcleos urbanos da toda América. A relação entre o Município e os cidadãos se alarga e engrandece em seu valor humano quando se advierte que a fincação municipal não so

prove o serviço social passageiro, senão que oferece um sentido de continuidade no trabalho das gerações e dá a melhor tradição do passado eficaz revivescência contemporânea. Com razão assinalo o notável sociólogo holandês G. Huizinga, que "Un homem colocado em postura histórica a colheira como moderna ou atual uma maior força do passado que aquele que vive na estrita miopia do presente"

Assim, o município. Convém que os cidadãos conheçam o crescimento do organismo municipal em sua fisionomia urbanística, em seus estilos de governo e de vida, em suas ocorrências de guerra, em seus empenhos em tempos de paz, e em toda sua experiência vital, em suma. E não só deve chegar-lhes este conhecimento pela comum via escolar. Deve chegar-lhes por meio de um dramatismo visual; na eloquência do monumento histórico, ou da estátua do herói civil ou do escudo que evoca um feito memorável. Deve chegar-lhes nas publicações das atas dos "cabildos" e das crônicas que revelam toda a gama histórica do comportamento da cidade, e, igualmente, na multiplicidade de bibliotecas populares, onde, junto a rica literatura do presente, esta a coleção do passado.

Função indispensável é a de realçar o simbolismo do ato público. Quando uma cultura se sabe forte e articulada, enaltece sua tradição através de um cerimonial onde o espírito da cidadania encontra sua lídima expressão. Na cidade do presente e do futuro, que ha de contemplar a crescente afluência de massas desarraigadas, o cerimonial cívico possuirá o mesmo valor que na cidade do passado tinha o rito religioso, como vínculo espiritual e psicológico da comunidade.

4 - A atividade municipal deve enraizar, entre os cidadãos, o sentido da nova política. O desenvolvimento da comunidade integral que vimos esboçando requer que se mantenha vivo o sentimento de responsabilidade social, o respeito aos direitos individuais e a função fiscalizadora das minorias, entre governantes e governador, dentro dos limites municipais. As novas técnicas de controle social resultam tentadoras para todo governo forte. A planificação, a comunicação em massa, a administração tecnocrática podem unir facilmente levar a desprezar os direitos civis e reduzir o conjunto dos cidadãos a massa dócil e automática, sem vontade própria.

A planificação tem êxito quando, em suas relações com a comunidade, o município pôde criar consciência da utilidade de um crescimento urbanístico racional, que responda e oriente às forças sociais criadoras, sem reprimi-las. Todo mecanismo administrativo para a implantação de programas de desenvolvimento necessita dar lugar proeminente à crítica. É, pois, de extraordinária importância que no uso das modernas técnicas de programação se tenha em conta a necessidade de ilustrar passo a passo a sociedade urbana e de tomar em conta sua aspiração a critério. Nestas novas sociedades em processo formativo,

tanto na ordem nacional como na local, a relação humana é, em alto grau, educação de atitudes, trabalho persuasivo e constante, e não imposição autoritária.

A planificação do futuro fracassará em sua intenção mais funda se só se atém a valores abstratos de ordem técnica e científica e não os conjuga com os de uma clara vitalidade democrática.

Daí que, no trabalho de relações públicas, distinga o município entre política e administração. O mundo político recolhe e expressa as palpitações e apetências coletivas, a luta inevitável e vitalizadora - quando se realiza em um clima democrático - de opiniões e valores contraditórios. O mundo administrativo classifica, ordena, executa e realiza. A função política, mais sensível à vontade social não pode claudicar sua primazia ante a função burocrática. Mas esta, por sua vez, não pode levar a cabo seu labor se satura do ambiente político e, em vez de fazer administração, faz prosélitos.

5 - A ação municipal deve, finalmente, criar um sentido de solidariedade supranacional. Necessitada está toda a América de superar os entretidos regionalismos e as rivalidades nacionais. Os-as profundas diferenças que distinguem as regiões do continente, os agudos contrastes visíveis, não são mais profundos e reais que a vontade de realizar um destino em comum, em um clima de justiça e liberdade. Esta é a vocação mais autêntica e prometedora da alma americana, em que pesem os desvios e obscurecimentos ocasionais que sofre. Se em cada município da América se cria, dentro de seus programas de relações com os cidadãos, um órgão, uma comissão, um grupo mínimo, em sumá, que mantenha vivo o vínculo de uma maior solidariedade, chegaremos a algo mais que as útil e necessário intercâmbio de idéias, de sistemas e técnicas de boa administração municipal. Chegaremos a criar, conjuntamente com os sentimentos de uma nova coesão coletiva, a consciência de uma nova solidariedade humana que transcenda ao município e ao estado e robusteca a convicção e a esperança - Aos antigas como a história de todas estas terras - da América como utopia realizável para o homem comum.